

ECONOMIA E SOLIDARIEDADE NOS ESPAÇOS DE VIDA, NOS LUGARES DE MEMÓRIAS¹

Joana Flores²

Resumo: O texto que ora se apresenta é parte das discussões desencadeadas na tese em desenvolvimento e fornece uma reflexão sobre como os saberes produzidos pelas mulheres negras do Quilombo Santo Antônio, em São Félix, na Bahia, podem contribuir para estabelecer relações entre as instituições museológicas, a saber, conexões com o Memorial do Ensino Superior Agrícola da Bahia (MEASB), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Para tanto, o tema traz para efeito de cena, a prática da feitura da farinha, a partir da mandioca, plantada e extraída pelos quilombolas. O estudo é resultado da vivência realizada nos Quilombos durante o processo de registro fotográfico para a produção da exposição intitulada *Na terra planta-se resistência, colhe-se memória* como atividade da programação da 16ª Semana de Museus, em 2018, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). A abordagem de pesquisa construiu-se

¹ Esse texto é uma homenagem à Antonieta de Jesus, “Tia Toninha”, a parteira do Quilombo Santo Antônio em São Félix (BA). Mãe de Ana Cláudia de Jesus, Nilzete de Jesus, Cristiane de Jesus, cunhada de Helena. Tia de Juliana Maturino e sogra de Clea, as mulheres negras aqui retratadas e do homem negro Roque Antônio, conhecido como ‘Bagudo’, responsável pelo plantio e pela colheita da mandioca. Nessa vivência, Tia Toninha foi dona de uma das mãos que manipula a massa; das mãos que também bateram palmas para a gente sambar. Foi dona das risadas que desabrocharam com os causos (re)contados das outras mais velhas e repetidos pelas mais novas. Tia Toninha, mulher de olhar profundo, inspirava lembranças de alguém que parecia nos conhecer há muito tempo. Aquele sorriso no canto da boca que fazia sempre nos lembrar que lá atrás, ela e outras mulheres negras, possivelmente trouxeram outras minhas pelos vossos braços e que havia chegado até aqui para me transmitir saberes, para que eu nunca esqueça das minhas que na verdade, são nossas. Tia Toninha faleceu no início da pandemia, em 2020, vítima de um AVC.

² Doutoranda do Pós-Crítica -UNEB, sob a orientação da Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira/UNEB-Pós-Crítica. Endereço eletrônico: joanafloresflores@gmail.com.

a partir dos meus relatos enquanto coordenadora do então Projeto e gestora do Memorial à época, bem como do aporte teórico de Singer (2002) para tratar da solidariedade, defendida pelo pesquisador no contexto da “economia solidária” e de Halbwachs (2003) para subsidiar as discussões sobre memória coletiva. A investigação intenciona evidenciar as práticas produzidas no processo artesanal da feitura da farinha a partir dos quais os registros orais transmitidos entre gerações de mulheres negras, tornam-se laços de ligação entre a economia como ciência e a solidariedade como sobrevivência. O texto pretende contribuir para a reflexão sobre a importância da preservação do patrimônio imaterial no processo de manutenção das práticas econômicas nos territórios tradicionais.

Palavras-Chave: Economia. Memória. Mulheres Negras. Solidariedade.

ECONOMY AND SOLIDARITY IN THE SPACES OF LIFE, IN THE SPACES OF MEMORIES

Abstract: This article refers to part of discussions triggered by an ongoing dissertation and offers a reflection on how the knowledge produced by black women from Quilombo Santo Antônio, in São Félix, in the state of Bahia/Brazil, may contribute to establish the relationship between the museum institutions and their connections to Memorial do Ensino Superior Agrícola of the State of Bahia (MEASB), from Universidade Federal do Recôncavo of Bahia. In order to do so, the theme brings about the scene effect, the practice of manioc flour making, planted and cropped by the quilombolas. The study is a result of an experience at Quilombos during the time in which a photographic recording was being taken for an exhibition entitled, *Na terra planta-se resistência, colhe-se memória*, as part of an activity of 16th Semana de Museus, in 2018, organized by Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). The research approach was based on

my own accounts as a coordinator of the Project and manager of the Memorial at the time, as well as underscored by Singer (2002) to discuss the concept of solidarity, grounded by the author in the context of solidarity economy and by Halbwachs (2003) to base the discussions about collective memories. The investigation intends to highlight the practices produced in the artisanal process of flour making from which the oral recordings were passed onto generations of black women, becoming the liaisons between the economy as a science and solidarity as a way of survival. The essay wishes to contribute for a reflection about the importance of preservation of immaterial heritage in the process of maintaining the economical practices in the traditional territories.

Keywords: Economy. Memory. Black women. Solidarity.

Figura 1: Mãos de mulheres negras moendo a mandioca no Quilombo Santo Antônio em São Félix (BA), 2018



Fotografia: Caique Fialho (2018)

Introduzindo o tema mulheres negras, solidariedade e economia pela fresta da memória

Iniciarei esse texto fazendo um convite para uma reflexão que intenciona promover um diálogo entre a solidariedade e a economia, tendo como articuladora a memória das mulheres negras que fazem farinha no Quilombo Santo Antônio em São Félix, Bahia, Brasil. De acordo com a Comissão Pró-Índio de São Paulo – CPISP, o quilombo “é a denominação para comunidades constituídas por escravos negros que resistiram ao regime escravocrata que vigorou no Brasil por mais de 300 anos e só foi abolido em 1888”.

Era maio de 2018, e o Instituto Brasileiro de Museus, IBRAM, desafiou as Instituições museológicas a promoverem ações culturais a partir do tema da 16ª Semana de Museus: *Museus hiperconectados: novas abordagens, novos públicos*. Havia acabado de assumir a gestão do Memorial do Ensino Agrícola Superior da Bahia — MEASB³ e me deparava com peças de uma coleção de equipamentos, resquícios da memória da Escola Superior Agrícola na Bahia. Miniaturas de réplicas de animais, mobiliário, quadros de antigos diretores, livros raros e atas compunham o cenário de lembranças que enviesadamente se reportava à terra, principal matéria-prima para os (as) que lidam com a produção agrícola.

Nesse sentido, considerei as memórias resguardadas pelo Memorial como representação simbólica de um conhecimento sobre o manejo da terra no processo industrial de constituição dos modos de produção da empresa capitalista e inserir a prática dos quilombolas na sua lida com a terra no contexto da economia solidária, por compreender o ato de solidariedade como um aspecto inerente no modo de organização entre os(as) quilombolas do Quilombo Santo Antônio, em São Félix, na Bahia, Brasil.

Assim, é numa casa de aproximadamente oito cômodos, situada no Campus Universitário de Cruz das Almas, em

³ Memorial foi criado em 2004.

uma das antigas residências dos Professores do então curso de Agronomia da Universidade Federal da Bahia que se abriga a exposição de longa duração do MEASB, cujo objetivo é a proteção da memória do então Imperial Instituto Bahiano D’Agricultura, criado em 1859 por D. Pedro II. A escola funcionou inicialmente no Engenho de São Bento das Lages, em São Francisco do Conde.

De acordo com o texto na página do MEASB, no site da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, “tais peças ajudam a revelar o processo histórico em que o investimento em ciência e tecnologia foi priorizado como mecanismo para reverter o quadro crítico e adverso que passava a agricultura brasileira no século XIX”.

É na zona rural da Cidade de São Félix, na Bahia, num lugarejo agradável, cujo caminho de terra finda ao despontar de casas cuja proximidade umas das outras, anuncia a chegada do Quilombo Santo Antônio. É nesse espaço que a feitura da farinha, prática artesanal transmitida oralmente entre as mulheres negras, vai ser o pano de fundo para o diálogo entre esse grupo que reconhece a solidariedade como mecanismo de sobrevivência.

Nos quilombos, pés e mãos negras aprendem a cuidar e a preservar a terra. As mesmas mãos que aram, plantam e colhem. E as memórias da prática da agricultura por negros e negras são resguardadas por cada remanescente quilombola. Ressalto a relevância do memorial, mas reitero a necessidade de um espaço de memória para a proteção de outros agentes sociais que historicamente movimentam a economia agrícola na Região do Recôncavo na Bahia. Daí que ao chegar ao Memorial, senti falta de Luíza, Cláudia, Dona Toninha, Dona Helena e tantas mestras negras que poderiam estar disseminando os seus conhecimentos para as futuras gerações.

Assim, foi no MEASB que nasceu a inquietação de registrar o cotidiano desses (as) quilombolas que vivem nas

proximidades do Memorial, no Território do Recôncavo da Bahia. Desafiei-me a provar que sim, era possível estabelecer conexões com “novos públicos” e aproximar o espaço nunca visitado por moradores distanciados por não terem tido acesso à Escola que tratava de ensinar as modernas técnicas agrícolas para lidar com a velha terra.

Utilizei-me então para convidar Luíza, uma das mulheres negras, sujeitas à sua própria e dura vida, digna de ser lembrada por qualquer museu pelo seu trabalho com a terra, para naquele instante, numa manhã chuvosa, conhecer o Memorial. Uma mulher negra, trabalhadora rural, que me revelou diariamente passar pelos arredores do MEASB para ganhar o seu sustento, tirado da horta localizada há alguns poucos metros dali. Reconheci a possibilidade de colocar em prática, ações museológicas produzidas no Memorial que promovessem a disseminação das informações entre os quilombolas formando assim, o seu público novo.

A amizade entre Luíza e a equipe do Memorial se estreitou e às sextas-feiras havia um encontro com a única mulher dentre os vários homens que ainda sobreviviam da lida com a terra sem o uso das máquinas em suas hortas, nas proximidades do Memorial da UFRB. Lá, a beleza da plantação de coentros, alfaces, rúculas, cebolinhas, dentre outras hortaliças, era o retrato da memória de sujeitos que guardam memórias. O arado, o plantio, a colheita e a venda eram realizados por mãos humanas, sem a contribuição do maquinário industrial com a exceção da participação mais do que necessária da enxada, do gadanho e do facão.

Figura 2: Detalhe de homem quilombola voltando da colheita da mandioca no Quilombo Santo Antônio (BA), 2018



Fotografia: Caique Fialho (2018)

Foi nessa atmosfera de inspiração com Luíza, e ao mesmo tempo de inquietação com a ausência de outros sujeitos no Memorial, ou mesmo de um não lugar para as narrativas dos sujeitos que lidam com a terra naquele território próximo a esse espaço, que ao ser definido o tema da Semana Nacional de Museus do IBRAM daquele ano, senti a possibilidade de homenagear homens e mulheres negras, buscando encontrar em suas memórias, lembranças vivas do tempo em que a terra sobrevivia das mãos que ainda resistem ao plantar a maniva, colher a mandioca e fazer a farinha com receitas guardadas nas memórias de outras mulheres negras.

Ressalto que a discussão aqui trazida não intencionou abordar o conceito de poéticas orais, visto que o objetivo da vivência era o registro fotográfico das ações cotidianas dos (das) moradores dos Quilombos para a produção da exposição.

“Vou fazer uma farinhada”, vou chamar as minhas pretas...

O MEASB foi ao encontro de um dos grupos de quilombolas desse país que vive da terra. Que fazem a farinha todas às quintas-feiras. Do outro lado, havia estudantes⁴ dos Cursos de Museologia, Cinema, Ciências Sociais e Jornalismo, egressos do curso de Museologia e Comunicação Social. Todos(as), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Os Quilombos: Subaúma, Terra do Governo, Santo Antônio e Vidal. A experiência culminou na exposição fotográfica: “Na terra planta-se resistência, colhe-se memória”. Assim, as discussões trazidas no âmbito da economia solidária nesse texto serão ilustradas pela solidariedade entre os sujeitos que lidam com a terra através das tradições orais no campo da memória, tornando-se então, desdobramentos dessa ação.

A provocação entre memórias orais, atravessada pela economia e pelo senso de solidariedade identificada na prática do grupo, mesmo não sendo a “economia solidária” o modo de organização comercial entre eles, foi o impulso para pensar a possibilidade de articulação de ações educativas e culturais com os sujeitos responsáveis pelo manejo da terra e o acervo de equipamentos deste Memorial.

Para tanto, foi necessário reconhecer que são as mulheres negras nesse espaço de resistência quem operam as lembranças através dos casos contados e das cantigas canta-

⁴ Estudantes da UFRB que participaram do Projeto de Extensão nos Quilombos: Alessandro Venas Silva, Antônia da Silva Santos, Brendo Willis dos Santos da Conceição, Gildriele Santos Barbosa Gabriel Carvalho Passos, Gustavo de Souza Muniz Castro, Halan Barbosa Silva, Jamile Mendes Cazumbá, Juciara Aline dos Santos, Juliana Maturino dos Santos Sodré, Laila de Jesus Barbosa, Lorena Karolyne de Jesus Caetano, Taylon Protásio Gondim, Vera Cristina Santos de Jesus, Yuri Alves da Costa.

Caique da Silva de Jesus: Jornalista egresso do Curso de Jornalismo da UFRB.

Carlos José da Silva: Estudante do Curso de Museologia e servidor da UFRB lotado no MEASB/UFRB.

George Silva do Nascimento: Museólogo egresso do Curso de Jornalismo da UFRB.

das pelas mais velhas, que vão sendo repetidas pelas mais jovens e assim, guardadas como práticas orais. Nesse sentido, a memória individual vai ser acionada, como afirma Halbwachs (2003),

Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (p. 72).

O pensamento do autor corrobora para a compreensão de que é através do encontro de mulheres negras para a feitura da farinha, a partir da casa, construída num único vão, onde alguns equipamentos manuais como o espremedor, o tacho para a feitura do beiju e a máquina de torrar a mandioca que depois vai passar pela grande peneira, tornam-se os instrumentos para que as mais velhas evoquem as cantigas que fazem parte do ritual como memórias orais preservadas nos próprios quilombos. Resultam então no ponto de referência das memórias a serem lembradas coletivamente.

Foto 3: Quilombolas descascando a mandioca no Quilombo Santo Antônio (BA), 2018



Fotografia: Caique Fialho (2018)

A feitura da farinha, em todos os aspectos, aparece a partir dos ritos por essas mulheres, protegida como mais uma ferramenta de resistência e de sobrevivência, o que pode contribuir para o que afirma Halbwachs (2003)

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos; também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum (p. 39).

A assertiva do autor reitera que a relação desencadeada no processo de fazedura da farinha, através das etapas que se inter-relacionam com a participação das mulheres negras, é mantida a partir dos papéis que vão sendo apropriados por cada membro do grupo, sem a necessidade de disputas, do ponto de vista da divisão do trabalho, o que torna essa prática solidária de economia, caracterizada pelo senso de igualdade que se apresenta entre os (as) quilombolas. Nesse contexto, Singer (2002) afirma,

Para que tivéssemos uma sociedade em que predominasse a igualdade entre todos os seus membros, seria preciso que a economia fosse solidária em vez de competitiva. Isso significa que os participantes na atividade econômica deveriam cooperar entre si em vez de competir (p. 9).

É a partir desse pensamento, que a solidariedade existente entre o que Singer (2002) chama de “entre iguais” aparece como naturalmente necessária no processo de continuidade das memórias nesses territórios de resistência em prol da sobrevivência. Unem-se os resquícios de lembranças que guardam as etapas do tratamento da mandioca às receitas do beiju seco e do molhado, da carimã até a etapa de torrar a farinha, e, assim geram a renda (o capital) sem a perda ou o afastamento dos rituais e dos códigos de oralidade que as mantém enquanto uma *associação*, ao mesmo tempo em que

guardam lembranças preservadas para que esse processo permaneça entre as gerações futuras.

Nesse sentido, considero nessa discussão o tempo como o guardião das memórias, cúmplice das narrativas que subsidiarão a reflexão sobre o que se preserva das lembranças guardadas nas comunidades tradicionais. Assim, questionamentos sobre *para quem a terra é memória? Ou, qual a memória que vem da terra e que são materializadas a partir da produção econômica?* E ainda, considerando a imposição das regras trazidas pela Revolução Industrial justificado pelo desenvolvimento econômico e conseqüentemente a aniquilação das práticas artesanais com a terra, *como manter vivas as tradições orais dos quilombolas enquanto memórias?*

Vou fazer uma farinhada,
vou chamar Joana aqui
Vou fazer uma farinhada,
vou chamar Joana aqui
Quem entende de farinha?
Venha peneirar aqui!

A letra da cantiga acima, entoada entre as mulheres que se encontravam no processo da feitura da farinha, torna-se parte necessária à evocação do ritual que une uma prática tradicional à um meio de sobrevivência. O chamado para 'associar-se' é cantado e o processo de produção econômica, onde a base da organização se dá pelo caminho da solidariedade e da partilha em um Quilombo no Recôncavo Baiano, tornou-se o cenário para o diálogo entre memórias orais e a economia, intermediado pela participação direta de um grupo de mulheres negras.

São irmãs, mães, tias e primas que preparam para o único homem do grupo, a quem lhe cabem as atividades do plantio e da colheita da maniva dentre outros produtos, à venda na feira às quartas, sextas e sábados. A fabricação da farinha é comercializada junto às bananas, laranjas, ovos de

galinhas, jenipapos, dentre outras frutas e verduras que irão depender do período de safra para a colheita.

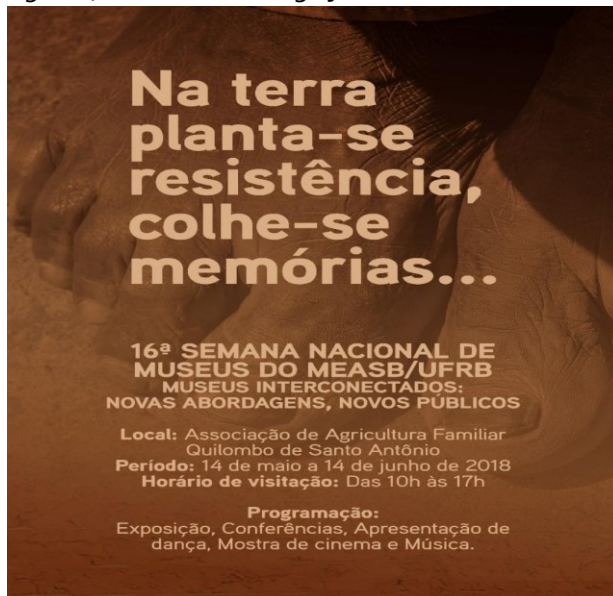
Nesse sentido, busquei promover uma reflexão sobre as relações que são estabelecidas no cenário da economia entre os membros das comunidades quilombolas, homens e mulheres negras, através do processo de feitura da farinha de maneira artesanal. Cada etapa do trabalho é permeada por cantigas, causos, cuidados entre si. Como um grande moinho humano, ou mesmo como uma grande empresa, onde tudo precisa estar alinhado. A diferença é a divisão das atividades e o lucro que se entrelaça num ritual solidário de partilhas entre o grupo.

Nesse espaço de produção econômica, em que se torna também lugar de memórias, nada se perde. Nem em relação à matéria prima, a maniva, nem ao caldo que cai como um líquido precioso, descansado em bacias de esmalte e dele também extrair a renda através dos produtos por vir. Entre uma etapa e outra, que não pode ser perdida em meio a individualidade, característica também da economia solidária, quando Singer (2002), afirma que “a solidariedade na economia só pode se realizar se ela for organizada *igualmente* pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar” (p. 9, *grifos da autora*).

A ida ao Quilombo e a experiência de lidar com a agricultura familiar impulsionou o desejo de compartilhar com a Academia, dessa experiência. A partir do cotidiano dos quilombolas, observei o manuseio dos (as) quilombolas com a terra ao produzirem os alimentos que chegam às nossas mesas e que se configuram como o resultado dessa relação maior entre o homem (ser social) e o meio ambiente. Destacam-se nessa prática, o papel das mulheres negras demarcado como responsáveis pela preservação dessa herança, na contemporaneidade.

Na terra planta-se resistência e colhe-se memórias através de relatos vividos e construídos

Figura 4: Cartaz de divulgação



Designer: Alan Alves (2018)

A mostra fotográfica ficou exposta na Associação de Agricultura Familiar Quilombo de Santo Antônio, no período de 14 de maio a 14 de junho daquele ano, quando foi encerrada com uma reza à Santo Antônio e a participação das comunidades quilombolas e dos estudantes da UFRB.

Dentre as (os) estudantes do Curso de Museologia, destaco o papel de Juliana Maturino, então bolsista da Pró-reitoria de Pesquisa e Extensão da UFRB (PROEXT/UFRB), no MEASB. Partiu dela o aguçar das expectativas dos membros da equipe com suas memórias de vida como quilombola. Suas narrativas sobre a lida no quilombo onde viveu, era recheado de sentimentos de afetos e de lembranças ao detalhar etapas do plantio e do memorável dia da colheita que se encerrava com a feitura da farinha. Contava com riqueza de

detalhes cada cena do ritual que acontecia às quintas e sextas-feiras no Quilombo Santo Antônio, em São Félix, na Bahia.

São de Juliana as informações sobre “a meia” no processo de descascar a mandioca: um grupo inicia a retirada das cascas e deixa até a metade da raiz que é passada para outra mulher que finaliza o processo. A ideia é não permitir que a mão da primeira mulher que segurou a parte da casca e ficou suja pelo barro, segure a parte descascada e, portanto, limpa.

Juliana Maturino, entusiasmada, entoava o canto enquanto apresentava para a equipe cada morador(a) dos quatro Quilombos visitados nesse projeto. Todos (as) de alguma maneira têm uma relação de parentesco nos Quilombos. Ora uma tia, um tio ora um tio avô, uma tia avó... Muitos primos e primas.

Assim, foi necessário puxar os fios das teias de relações entre o projeto da Exposição, o Memorial e a Universidade. As áreas foram estrategicamente pensadas para que a exposição fosse exequível, o que necessitou de reunir estudantes dispostos a encontrar possibilidades para produzir ciência fora dos espaços acadêmicos.

Nesse contexto, outro relato importante é o do jornalista Caíque Fialho, egresso do Curso de Comunicação da UFRB. O convite à Caíque se deu por sua atuação como fotógrafo jornalístico e a sua inclinação para retratar figuras humanas. A parceria culminou em momentos de troca onde seu olhar sensível foi disponibilizado com muito afeto e competência. Daí que o subir e descer das ladeiras, atravessar caminhos, é evidenciado no seu relato de como o sentimento de pertencimento lhe tomou nesse trabalho:

[...]Registrar e contar histórias vão muito além de qualquer relação profissional. A fotografia e o jornalismo têm essa peculiaridade de unir pessoas e construir laços. A experiência fotográfica consegue

fazer com que momentos que vivenciamos fiquem congelados e explícitos em fotos que, por sua vez, podem colaborar para que aqueles momentos perdurem em nossa memória [...] durante todo o processo de registro fotográfico passei a conhecer mais pessoas e suas histórias (Trechos do relato de Caique Fialho)

O projeto não teria sentido sem a participação de outros sujeitos. Era necessário evidenciar que os museus ou qualquer outro espaço de memória precisam estar conectados com os diversos agentes sociais numa perspectiva participativa e, portanto, interdisciplinar.

Considerações finais

Ao mesmo tempo era preciso unir os fios nesse campo de trocas de conhecimentos, afetos, saberes e fazeres. Era necessário trazer a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia enquanto instituição responsável pelo MEASB, para uma ação de intervenção junto às Comunidades Quilombolas. Hiperconectar os detentores dos saberes da vida com os conhecimentos testados pela Ciência. Era preciso experimentar os olhares de estudantes e profissionais das diversas áreas do conhecimento numa práxis verdadeiramente efetiva entre um Memorial e o cotidiano dos quilombolas na sua dinâmica de sobrevivência econômica.

O grande desafio era ver de perto a realidade de homens e mulheres que alavancam o desenvolvimento econômico do país. Homens e mulheres responsáveis pelos produtos que chegam às nossas mesas diariamente. Quem planta? Quem colhe? Quem prepara? Qual a participação de homens e mulheres nas etapas de produção econômica nos quilombos? Como conseguem manter as tradições orais nesses espaços que são representados por farinha, beiju, tapioca, goma, bolo etc.? Eram essas algumas das inquietações que

motivaram a ida em busca das memórias de quem planta resistência e colhe memórias.

Ressalto que as sugestões para a ampliação dos discursos museológicos no MEASB, não retiram a relevância do projeto de preservação da memória do Ensino Superior Agrícola da Bahia. Apenas, considero que o processo de construção desencadeado nos Quilombos teve a intenção de provocar uma reflexão acerca do processo de preservação dos bens culturais no Brasil pelos espaços museológicos, e provocar a discussão acerca das relações que os espaços de memória podem promover utilizando-se dos sujeitos que subjetivamente encontram-se silenciados em suas coleções.

Quis utilizar-me de um evento anual que é a Semana Nacional de Museus, para despertar sobre a importância da cultura imaterial produzida nos Quilombos, na Bahia, cuja matéria prima, a terra, poderia produzir sentidos através da ressignificação dos objetos que compõem o acervo do Memorial. Somente utilizei-me da feitura da farinha por mãos femininas negras para dialogar nesse texto sobre o quão de solidariedade pode haver na relação entre os sujeitos que na lida pela sobrevivência produzem economia local e geram renda a partir de práticas preservadas entre gerações.

Referências:

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

SINGER, Paul. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. *O Memorial*. Acesso em: 3 ago. 2021.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO. *Quilombos Contemporâneos*. Disponível em: <https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/quilombolas-brasil/> Acesso em: 3 ago. 2021.

[Recebido: 4 ago. 2020 — Aceito: 20 ago. 2020]